

# **PARECER**

**SOBRE A VERTENTE ARQUEOLÓGICA NAS INTERVENÇÕES DA EMPREITADA  
“SUBSTITUIÇÃO DE COLETOR UNITÁRIO E DE CONDUTA DA EPAL E REQUALIFICAÇÃO  
DE ESPAÇOS EXTERIORES NA RUA MARQUÊS DE FRONTEIRA E NA ZONA  
ENVOLVENTE AO EL CORTE INGLÉS” – METROPOLITANO DE LISBOA**

**C/C à Direção-Geral do Património Cultural**

Conforme expresso no Estudo de Impacte Ambiental do Prolongamento da Linha Vermelha entre a Alameda e S. Sebastião (EIA), na Declaração de Impacte Ambiental emitida no processo de Avaliação de Impacte Ambiental do referido projecto (DIA) e no parecer elaborado pelo Eng. João Caninas, aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia, não se previa que na área afetada pela estação de S. Sebastião II ocorressem achados de interesse arqueológico até cerca de 3 metros de profundidade. Realizaram-se acompanhamentos arqueológicos no Poço de Ventilação 1 e em S. Sebastião II, em 2005<sup>1</sup>. No Poço de Ventilação 1 atingiu-se a profundidade máxima de 74,00 m. Na base verificava-se a argila amarela muito compacta, sendo que a maior parte da área era preenchida por nível de argila cinzenta escura margosa. Os únicos vestígios de ação humana, sem interesse científico, registaram-se em níveis superiores, datando dos sécs. XIX-XX, em níveis de revolvimento por obras anteriores.

O acompanhamento em S. Sebastião II iniciou-se a partir da cota 76.00 até à cota 68,50 m. A partir da cota 74,00 m o sedimento castanho correspondia a aterros com alguma pedra, argamassas e vestígios das infraestruturas, a que se seguia argila margosa laranja com veios cinzentos. No canto sudeste da escavação registou-se um nível de cascalheira, à cota 75,50 m (a meio da viga de coroamento), com cerca de 30 cm de espessura, nível este afetado anteriormente pela instalação de infraestruturas. Esta cascalheira não oferecia quaisquer sinais de ação antrópica. À cota 72,00 m ocorria uma segunda cascalheira, num estrato de areão amarelo torrado, nível que se apresentava uniforme e não perturbado por intrusões ou remoções. Nesta cascalheira, que se prolongava até à cota 69,60 m, não identificaram seixos talhados por ação humana.

As sondagens arqueológicas por nós realizadas em 2005, na Estação de S. Sebastião, nas três valas de sondagem da fase 1<sup>2</sup>, revelaram que, até à cota 74,00 m, não existiam ocorrências de interesse arqueológico, verificando-se a presença de antigas infraestruturas e estratos com grande revolvimento por motivo de obras anteriores.

As sondagens da 2ª fase, realizadas em 2006, atingiram a cota 71,10 m. Para além de antigas infraestruturas, registaram-se níveis de argilas margosas, aterros de terras

---

<sup>1</sup> “Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico do Poço de Ventilação 1 e em S.- Sebastião II”, Metropolitano de Lisboa, 2008.

<sup>2</sup> Ver “Relatório das Sondagens Arqueológicas na Estação de S. Sebastião II”, Metropolitano de Lisboa, Julho, 2007.

castanhas e, na observação arqueológica a partir dos 74,70 m, identificaram-se unidades estratigráficas de areão, algumas com cascalheira.

O Metropolitano de Lisboa, em 2014, anos após a abertura à exploração do empreendimento de S. Sebastião, iniciou uma empreitada com o objetivo de realizar a obra de substituição de coletor unitário e de conduta da EPAL da Rua Marquês de Fronteira, bem como a requalificação dos espaços exteriores na Rua Marquês de Fronteira e na envolvente ao “El Corte Inglés” (Fig. 1). A área desta empreitada situa-se a cerca de 10-20 m de S. Sebastião II, onde se realizou acompanhamento arqueológico em 2005 (Fig. 1).

### **Zona 1 – Intervenção na Rua Marquês de Fronteira (entre a Rua Dr. Nicolau Bettencourt e a Rua Marquês Sá da Bandeira)**

#### **Trabalhos concluídos**

Na denominada Zona 1 – Intervenção na Rua Marquês de Fronteira (entre a Rua Dr. Nicolau Bettencourt e a Rua Marquês Sá da Bandeira) – foram realizadas a demolição de um troço de coletor e a sua substituição por novo coletor em betão armado, para o que foi necessária a abertura de uma vala de 2,50 m de largura e 88,00 m de extensão, atingindo-se a cota de 73,32 m num dos extremos e 74,34 m no outro extremo (Figs. 2 a 7). Esta obra não foi acompanhada arqueologicamente por o dono da obra interpretar que se tratava de áreas remexidas e onde a profundidade atingida não ia além da considerada sensível nos relatórios arqueológicos de 2007 e 2008 e demais documentos emitidos no âmbito do procedimento de Avaliação de Impacte Ambiental. A observação da Agência Portuguesa do Ambiente (Fev. 2015) é pertinente quando tem em conta o acompanhamento recomendado no nosso relatório final de 2007, “de outras escavações a céu aberto”. É nosso entendimento, no entanto, que a decisão do dono da obra é admissível, considerando:

- que se tratou da substituição de anterior infraestrutura, portanto obra em subsolo com revolvimentos e aterros;

- que a profundidade atingida não ia além dos 3,5 m, cota que pode já corresponder ao primeiro nível de cascalheira detetado em S. Sebastião II, mas que, face aos resultados da análise arqueológica, evidenciou tratar-se de estrato com grande perturbação devida a trabalhos anteriores e com seixos que mostraram ausência de indícios de ação antrópica.
- que o nosso parecer de 2008, para o acompanhamento da Estação de S. Sebastião 1, relatou a presença de aterro argilo-arenoso acastanhado com pequenas pedras até cerca de um metro e meio de profundidade, seguido por nível de argila amarelo-acastanhada, com alguns veios acinzentados, com núcleos calcomargosos esbranquiçados até cerca de 4 metros e meio de profundidade, a que se seguia nível de arenito argiloso conglomerático acastanhado e acinzentado, friável (seixos <10 cm), coevo à Formação de Benfica e que, face a esta constatação, se concluiu pela não realização de acompanhamento arqueológico nesta área (próxima da área em questão).

### **Futuros Trabalhos**

Relativamente aos trabalhos de substituição das condutas de água, a iniciar em breve, numa extensão de 122 m, a profundidade de escavação prevista é de 1,5 m a partir da cota 76,35 m, em solo que mostra intenso revolvimento por obras prévias, com múltiplas intrusões contemporâneas (Figs. 4 e 5) . A elevada improbabilidade de qualquer registo de interesse arqueológico nestas condições leva-nos a considerar que é prescindível o acompanhamento arqueológico desta obra.

### **Zona 2 – Intervenção na envolvente ao “El Corte Inglés” (Zona a sul da Rua Marquês de Fronteira, entre a Av. António Augusto de Aguiar e a Av. Sidónio Pais)**

Na denominada Zona 2 – Intervenção na envolvente ao “El Corte Inglés” (Zona a sul da Rua Marquês de Fronteira, entre a Av. António Augusto de Aguiar e a Av. Sidónio Pais) – foi eliminada uma via rodoviária, asfaltada a via de acesso na zona da Av. Sidónio Pais e repavimentados os passeios na envolvente do “El Corte Inglés” (Figs. 8 e 9).

Qualquer destas intervenções (já realizadas) limitou-se a remoções e ações de superfície, não se justificando o acompanhamento arqueológico.

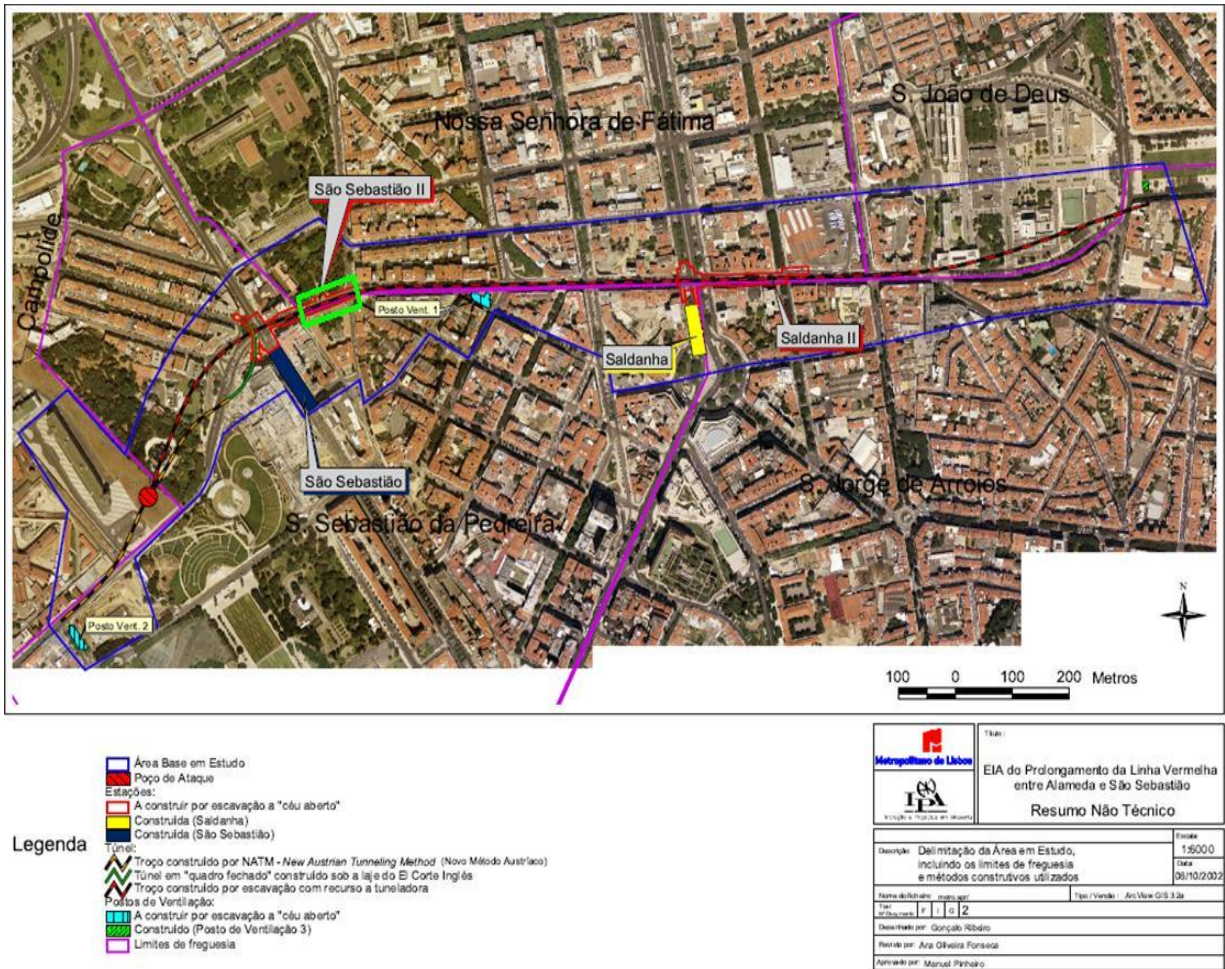
A Arqueóloga

Isabel Cristina Ferreira Fernandes

13 de março de 2015

ANEXOS

Fig. 1



Zona de intervenção no âmbito da Empreitada de “Substituição de Coletor Unitário e de Conduta da EPAL e Requalificação dos Espaços Exteriores na Rua Marquês de Fronteira e na Zona Envolvente ao El Corte Inglés”

**FigS. 2 e 3 – Aspetos da obra de demolição de um troço de coletor e a sua substituição por novo coletor em betão armado.**



**Figs. 4 e 5 – Aspetos da área intervencionada e a intervencionar, no âmbito da citada empreitada (6.3.15).**



**Figs. 6 e 7 – Aspectos das caixas em betão armado, na área citada em 4 e 5 (6.3.15).**



**Fig. 8 – Aspeto da envolvente do “El Corte Inglés” após a repavimentação.**



**Fig. 9 – Detalhe da repavimentação em calçada na envolvente do “El Corte Inglés”.**

